



*O unicórnio atravessou,
domado, a cancela
do jardim da casa.
Vinha pela mão
da vizinha cega
do segundo direito
para dinamitar
os sentidos*

O Unicórnio

COMPRIMIDO I

Julho de 2013
Manter ao alcance e à vista das crianças e adultos

A BULA[®]
Comprimidos Literários



Este folheto contém informação importante para si. Leia-o atentamente.

COMPRIMIDO VI

Pequeno arbusto luminoso

O coração do mendigo andava retirado
por desertos, fúrias e tentações
há mais de quarenta anos,
mas às vezes
um pequeno arbusto luminoso
bastava para trazer-lhe o mar aos olhos.

COMPRIMIDO II

Rumores

Havia rumores
de que, em certas luas,
caminhava um paralítico
sobre as águas.
Quando o rio secou
disseram que planava no céu.

A cadeira de rodas era bipolar,
concluiu-se.

COMPRIMIDO III

A nuvem e a rapariga

A nuvem que, como um balão,
[a] levava presa,
incomodava os transeuntes
e era motivo
de inusitadas reclamações.

Foi assim que a rapariga aprendeu
a andar pelo outro lado do passeio.

COMPRIMIDO IV

Direito à habitação

Certa mulher, desempregada,
não tendo mais que dar aos filhos,
mendigou o direito à habitação
junto da sua instituição de crédito
que ameaçava despejá-la.
Como não atenderam ao seu pedido,
imolou-se pelo fogo, sacrificada
ao maldito deus da finança.

COMPRIMIDO V

A vingança do paralítico

Na rua do infante, nas margens do rio,
houve, durante muitos anos, um paralítico
que amava a sua enxerga e a ociosidade do
olhar,
até que certa tarde alguém o banhou nas águas
e ele ficou curado. Mas não o disse a nin-
guém.
Não por lho terem proibido, mas por vingança:
afinal, roubaram-lhe a paz dos dias sem mila-
gres.

«NÃO, NÃO», «SIM, SIM»

Era uma vez um «NÃO» e um «SIM» que se apaixonaram.
A história é simples de contar.

O «NÃO», como qualquer «não», era forte, firme, feio... e rude e teimoso: «NÃO» era «NÃO» e acabou! Não havia *mé* nem meio *mé*! Nem sequer ouvia as razões apresentadas, as justificações dadas. Tudo isso são balelas! – dizia, todo emproado. Não havia volta a dar-lhe!

O mundo anda como anda – pensava de si para o seu til voador – porque já ninguém sabe dizer «NÃO». Esqueceu toda a gente como um «NÃO» educa e faz bem. Eu devia ser a ferramenta mais utilizada pelos pais e professores, para educar, corrigir e tornar «gente» a pequenada – dizia o «NÃO», do alto das suas três letras sonoras. De quem o «NÃO» não gostava era do «SIM». Achava-o mole, sem espinha vertebral, piegas, dado a sentimentalidades, sem estaleca!

O «SIM», por sua vez e como logo se vê, pensava o oposto do «NÃO». Necessário era agradar a todos e dizer sempre «SIM», satisfazer as vontades e desejos, deixar que as coisas aconteçam como têm de acontecer. Por que razão se terá de admitir tal desmancha-prazeres? – cogitava, referindo-se ao carácter proibitivo do «NÃO».

O «SIM» era compreensivo, meigo e carinhoso. Às vezes, - reconhecia-o sem dificuldade -, era preguiçoso, escusava-se a ouvir com atenção e dizia-se alheadamente, sem tomar sentido, sem se inteirar da causa das coisas! Mas, - dizia de *sim* para *sim* -, não se pode ser perfeito, e sempre é melhor balbuciar um «SIM» que resmungar um «NÃO».

O «NÃO» e o «SIM» eram o contrário um do outro. O que um afirmava, o outro negava, o que mostrava um, escondia o outro. Quando, porventura, se encontravam na mesma frase a discussão era inevitável. Uma vez agressiva, se o «NÃO» estava em dia *sim*. Outras, filosófica, se o «SIM» estava em dia não. Certo, certo, é que a presença de um incomodava o outro e quem pagava as favas era a frase que, por causa da zanga, se tornava arvesada e tantas vezes se desconjuntava e se perdia no *sem-sentido* das frases perdidas ou arruinadas! Era um incómodo para o escritor, um engano para o contador. Por causa destas discussões permanentes é que alguém inventou a palavra «gralha» que é, como sabe toda a gente, uma ave que nunca se cala e só diz disparates. Exatamente o que faz uma frase que nada diz – disparata.

Se, em algum dia, o «NÃO» se apresentava calado, logo o «SIM» suspeitava de trama! O inverso também era verdade: se o «SIM» se escondia atrás de alguma resposta afirmativa, o «NÃO» ficava de orelha guiada, à espera de truque. A verdade é que gostavam de se «tramar» um ao outro.

Um dia, o jovem escritor, cansado de dar voltas e mais voltas aos seus textos, descobriu que tramar é dar trama – podia ser drama!, também reparou – à história e riscou o «tr», deixando o «NÃO» e o «SIM» desamparados, aos pés da palavra «AMAR». E aconteceu que primeiro ficaram calados, depois entalados e finalmente entrelaçados. Exatamente assim! Pela ordem em que o amor acontece!

Hoje, muitas frases, textos e livros depois, o «NÃO» e o «SIM», morfológica e gramaticalmente casados, ainda discutem de quando em vez. Porque um é «NÃO» e o outro é «SIM». Inevitavelmente!

E não é que o escritor, não já tão jovem, tem saudades das «gralhas» e, quando lhe apetece, sem ninguém o suspeitar, «permite» que se instale em alguma história uma «inadveritada» discussão entre um «NÃO» e um «SIM», terrivelmente apaixonados!

Comprimidos Literários e Prosa de João Manuel Ribeiro

Ilustração de Sara Cunha

§

Titular da Autorização de Introdução no Mercado e Fabricante: www.correiodoportopt

Este folheto foi aprovado pela última vez no dia 30 de junho de 2013